

CRÓNICAS DE UMA PEQUENA ILHA

BILL BRYSON

CRÓNICAS DE UMA
PEQUENA ILHA

Tradução de
Maria Helena Lopes



BERTRAND EDITORA
Lisboa 2016

Para a Cynthia

Estou profundamente reconhecido a Peter e Joan Blacklock, Pam e Allen Kingsland, John e Nicky Price, David Cook e Alan Hume, pela colaboração desinteressada que me prestaram durante a preparação deste livro.

PRÓLOGO

O primeiro contacto que tive com a Inglaterra foi em março de 1973, numa noite de nevoeiro, ao chegar no *ferry* da meia-noite vindo de Calais. Durante cerca de vinte minutos, a estação terminal ficou numa perfeita azáfama de carros e transportes de carga em movimento, pessoal da alfândega afadigado no exercício das suas funções e todos a dirigirem-se para a estrada que ia dar a Londres. Depois, subitamente, fez-se silêncio e dei comigo a vaguear por ruas adormecidas, quase sem luz e cheias de nevoeiro, tal como num filme do Bulldog Drummond. Era maravilhosa a sensação de ter uma cidade inglesa só para mim.

O único pormenor que me estava a desagradar um pouco era o facto de os hotéis e pensões parecerem estar todos fechados àquela hora da noite. Fui até à estação dos comboios, a pensar que podia apanhar um para Londres, mas a estação também estava às escuras e fechada. Fiquei ali espocado, sem saber o que fazer, quando reparei na luz acinzentada de um televisor, que passava através de uma janela de uma pensão situada no outro lado da rua. *Que sorte!*, pensei para comigo, *alguém está acordado*. Atravessei a correr, imaginando o pedido de desculpas que ia dar ao simpático proprietário pela minha chegada tardia e o tipo de conversa agradável que poderíamos ter, do género: «Nem me atrevo a

perguntar-lhe se ainda é possível arranjar qualquer coisa para eu comer, a estas horas. Não, sinceramente... Bem, se *de todo* não vou incomodar, então talvez uma sanduíche de rosbife com pickles, uma salada de batata e uma cerveja.» À entrada do prédio estava muito escuro e, levado pela ansiedade que me dominava e o desconhecimento do local de acesso, acabei por tropeçar num degrau, indo bater com a cara na porta e fazendo tilintar uma meia dúzia de garrafas de leite vazias. Quase em simultâneo, abriu-se a janela do andar de cima.

— Quem está aí? — disse uma voz, num tom agreste.

Recuei, esfreguei o nariz e olhei para cima para uma figura de rolos na cabeça.

— Boa noite, estou à procura de um quarto — disse eu.

— Estamos fechados.

— Oh! E um sítio onde possa comer?

— Tente ali o Churchill. Em frente.

— Em frente de quê? — perguntei, mas a janela já tinha sido fechada com força.

O Churchill tinha um ar luxuoso, encontrava-se bem iluminado e parecia estar a receber clientes. Através da janela, percebi que havia gente bem vestida e de aspeto elegante junto a um bar, fazendo lembrar as personagens de uma peça de Noel Coward. Hesitei, na obscuridade, sentindo-me como um miúdo de rua. Não estava preparado para aquele tipo de estabelecimento, tanto no aspeto social como na roupa, e de qualquer forma devia ultrapassar e muito as minhas possibilidades monetárias. Só no dia anterior, já tinha dado um bom maço de francos a um hoteleiro de olhar vivaço, na Picardia, por uma noite numa cama com um colchão aos altos e baixos e um prato com um misterioso molho *chasseur*, que continha ossos de vários animais, a maioria dos quais tive de esconder num grande guardanapo

para não parecer indelicado, decidindo, a partir de então, ser mais cauteloso com as minhas despesas. Assim, e com uma certa relutância, voltei as costas ao ambiente acolhedor do Churchill e caminhei penosamente através da escuridão.

Mais adiante, ao longo de Marine Parade, um passeio público junto ao mar, encontrei um abrigo sem porta, mas com um telhado, e achei que era aceitável. Com a mochila a fazer de traveseiro, deitei-me e tapei-me com o casaco. O banco de ripas de madeira era duro e tinha parafusos de cabeça redonda que não davam conforto nenhum a quem estivesse deitado — o que, sem dúvida alguma, era intencional. Deixei-me ficar, durante um certo tempo, a ouvir o mar a varrer os seixos mais abaixo e, por fim, adormeci, tendo uma noite longa e fria, cheia de sonhos agitados, onde andava a ser perseguido, sobre um bloco de gelo flutuante do Ártico, por um francês de olhar vivaço que tinha uma fisga, um saco de parafusos e o estranho objetivo de me acertar sistematicamente no traseiro e nas pernas para conseguir roubar um guardanapo de linho que continha comida e metê-lo na parte de trás da gaveta de um armário que estava no meu quarto de hotel. Acordei a arfar, exausto e cheio de frio. O nevoeiro tinha passado. A atmosfera estava calma e o céu sem nuvens e cheio de estrelas. A luz do farol, no extremo do paredão, batia incessantemente sobre a superfície do mar. Era fascinante, mas tinha demasiado frio para poder apreciar condignamente aquele espetáculo. A tremer, procurei dentro da mochila e tirei de lá o que havia de mais quente para vestir — uma camisa de flanela, duas camisolas de lã e outro par de calças de ganga. Utilizei umas meias de lã como se fossem luvas sem dedos e enfiar na cabeça uns calções de flanela a fazer de gorro. Depois, voltei a deitar-me no banco

e esperei pacientemente pelo doce beijo da morte. Em vez disso, adormeci.

Fui acordado, de novo, pelo ruído de uma sirene de nevoeiro, que quase me fez cair do meu estreito poleiro, e levantei-me com ar infeliz, mas com muito menos frio. O espaço à minha volta estava banhado por aquela luz esbranquiçada que antecede o amanhecer e que parece surgir do nada. As gaivotas andavam em círculos e gritavam acima da superfície do mar. Por baixo delas, para lá do paredão de pedra, um *ferry* enorme e bem iluminado afastava-se majestosamente em direção ao largo. Fiquei ali sentado, durante algum tempo, sem pensar em nada. Ouvia-se mais um forte lamento da sirene de nevoeiro de um navio, o que fez alvoroçar, de novo, as irritantes gaivotas. Tirei as meias que tinha enfiadas nas mãos e olhei para o relógio. Eram 5h55 da manhã. Vi o *ferry* a afastar-se e fiquei a pensar para onde iriam aquelas pessoas tão cedo. E *eu*, onde é que havia de ir àquela hora? Agarrei na mochila e arrastei-me pesadamente ao longo da avenida marginal para ativar um pouco a circulação.

Perto do Churchill, agora mergulhado num sono tranquilo, encontrei um indivíduo idoso a passear um cão pequeno. Este andava frenético a tentar fazer o seu chichi em tudo o que lhe aparecesse na posição vertical, e assim, em vez de caminhar normalmente, tentava equilibrar-se penosamente nas suas três pernas.

O homem deu-me os bons-dias assim que me aproximei. «Talvez tenhamos bom tempo», disse, olhando esperançado para um céu que mais parecia uma pilha de toalhas molhadas. Perguntei-lhe se havia um restaurante que pudesse estar aberto àquela hora. Conhecia um não muito longe dali e deu-me as indicações.

— O melhor *transport caff*¹ que há em Kent — disse o indivíduo.

— *Transport calf*²? — repeti, indeciso, e recuei uns passos pois vi o cão a pôr-se em posição de me molhar as calças.

— É muito conhecido dos camionistas. Eles sabem sempre o que é melhor, não é verdade? — E sorriu, amável. Depois, baixou a voz e inclinou-se na minha direção, como se fosse dizer-me um segredo. — Talvez seja melhor tirar as cuecas da cabeça antes de lá entrar.

Levei a mão à cabeça.

— Oh! — exclamei, tirando os calções, de que já não me lembrava, e fiquei atrapalhado. Tentei dar uma rápida explicação, mas o homem já estava a olhar de novo para o céu.

— Decididamente, está a desanuviar — concluiu e puxou pelo cão que procurava novos postes. Fiquei a vê-los afastarem-se e, depois, dei meia-volta e continuei a descer a marginal, ao mesmo tempo que começava a cair uma chuva leve.

O café-restaurante era excelente — muito animado, cheio de vapor e com uma temperatura muito agradável. Pedi um prato de ovos, feijão, pão frito, toucinho fumado e salsichas, com pão e manteiga à parte e duas chávenas de chá. Custou-me tudo 22 pence. Passado um bocado, senti-me um homem novo e saí do restaurante de palito na boca e a arrotar, seguindo pelas ruas numa grande calma, a assistir ao acordar de Dover. Devo confessar que esta cidade não

¹ *Transport caff*, tipo de café, à beira da estrada, que serve comida barata, principalmente a camionistas. (N. da T.)

² *Transport calf* (transporte de bezerros), trocadilho entre a palavra *calf* e *caff* (termo usado, na gíria, para *café*), pois a pronúncia pode confundir-se. (N. da T.)

tinha grande aspeto à luz do dia, mas eu gostei. Gostei por ser pequena e acolhedora. Gostei da maneira como as pessoas diziam «Bom dia!», «Olá!» e «Que maçada de tempo, mas vai melhorar!» umas às outras, e a sensação de que aquele era mais um dia de uma longa série de outros, essencialmente alegres, bem organizados e agradáveis na sua tranquilidade. Em Dover, ninguém teria qualquer razão especial para se lembrar do dia 21 de março de 1973, exceto eu e umas quantas crianças nascidas naquele dia e, talvez, aquele tipo idoso com um cão, que tinha encontrado um indivíduo ainda novo que trazia um par de cuecas enfiadas na cabeça.

Desconhecia a partir de que horas é que era aceitável, em Inglaterra, começar à procura de um quarto para alugar, pelo que resolvi esperar até meio da manhã para o fazer. Com tanto tempo à minha frente, pude andar a ver cuidadosamente se encontrava uma pensão com aspeto agradável e sossegado, mas que também fosse acolhedora e barata. Assim que soaram as dez horas, apresentei-me à porta de uma, que me pareceu ser a melhor, tendo o cuidado de não deitar abaixo as garrafas de leite. Era um pequeno hotel que, na realidade, mais parecia uma hospedaria.

Não me recordo do nome, mas lembro-me da proprietária, uma criatura enorme de idade avançada, a senhora Smegma, que me mostrou um quarto e depois me levou a ver o resto das instalações, resumindo-me as muitas e complicadas regras da casa — a hora do pequeno-almoço, como acender o esquentador para o banho, as horas do dia em que devia estar fora do edifício e o breve período de tempo em que podia tomar um banho (horas que, estranhamente, pareciam coincidir), a obrigatoriedade de informar se ia receber chamadas do exterior ou entrar depois das dez da noite, como puxar o autoclismo e usar o piaçaba, o que

era permitido deitar no cesto de papéis do quarto e o que devia deitar no contentor, onde e como devia limpar os pés de cada vez que entrava, como acender o aquecimento do meu quarto e em que altura é que me era permitido fazê-lo (principalmente na época glacial). Tudo era novidade para mim. De onde eu vinha, estava habituado a arranjar um quarto num motel, onde passava dez horas e o deixava numa desordem total ao sair cedo na manhã do dia seguinte. Aqui, era como se estivesse na tropa.

— O tempo de estadia mínimo — prosseguiu a senhora Smegma — é cinco noites a uma libra cada, incluindo pequeno-almoço à inglesa.

— Cinco noites? — exclamei, sobressaltado. Só tinha ideia de ficar ali uma noite. Que é que ia fazer em Dover durante cinco dias?

A senhora Smegma ergueu o sobrolho.

— Pensava ficar mais tempo?

— Não — respondi. — *Não*. De facto...

— Bom. É que temos um grupo de pensionistas escoceses que vêm passar aqui o fim de semana e era mais complicado. De facto, seria mesmo impossível. — Olhou para mim com ar de desaprovação, como quem olha para uma nódoa no tapete, e ficou a pensar se haveria mais alguma coisa que pudesse fazer para me dificultar a vida. E havia mesmo. — Vou ter de sair daqui a pouco e agradecia que também saísse dentro de um quarto de hora.

Fiquei confuso, de novo.

— Desculpe, quer que eu saia? Mas acabei de chegar!

— São regras da casa. Pode voltar por volta das quatro horas da tarde. — Ia a sair, mas voltou para trás. — Ah, agradeço-lhe ainda que tire a coberta à noite. Tivemos já algumas contrariedades por causa das nódoas. Se a danificar, terei de lha cobrar. Compreende, não é verdade?

Acenei que sim, sem dizer uma palavra. Ela retirou-se finalmente. Fiquei ali, com ar perdido, cansado, sentindo-me muito longe de casa. Tinha passado uma noite incrivelmente desconfortável ao relento. Doíam-me os músculos, sentia-me amassado por ter dormido em cima de cabeças de parafusos e a minha pele estava ligeiramente oleosa com a sujidade e o pó de duas nações. Tinha-me conseguido aguentar com a ideia de que, em breve, iria mergulhar num banho quente e relaxante seguido de umas catorze horas de sono profundo e tranquilo, afundado em almofadas macias e tapado com um cobertor quente e leve.

Enquanto ali estava a constatar que o meu pesadelo em vez de terminar estava só a começar, a porta abriu-se e a senhora Smegma atravessou o quarto em direção à luz que estava por cima do lavatório. Mostrou-me a maneira correta de acender a luz.

— Não é preciso carregar com muita força. Um toque suave é o suficiente. — Como é evidente, lembrou-se de que a tinha acendido e acabou por a apagar de uma forma brusca, dando uma última vista de olhos à minha pessoa e pelo quarto, antes de sair.

Quando tive a certeza de que partira definitivamente, fechei a porta do quarto devagar, corri as cortinas e fiz um chichi no lavatório. Tirei um livro da mochila e deixei-me ficar durante uns minutos a observar o ambiente asseado e estranho do meu quarto solitário.

— Mas, afinal, que diabo é uma coberta? — disse para mim, em voz baixa e desalentado, saindo do quarto em silêncio.

Como era diferente a Grã-Bretanha na primavera de 1973. A libra valia 2,46 dólares. A média do ordenado líquido semanal era de 30,11 libras. Uma embalagem de batatas

fritas custava cinco *pence*; uma bebida não alcoólica 8p; um batom 45p; um pacote de bolachas de chocolate 12p; um ferro de engomar 4,50 libras; uma cafeteira elétrica sete libras; uma televisão a preto-e-branco 60 libras; uma televisão a cores 300 libras; um aparelho de rádio 16 libras; uma refeição média uma libra. Um bilhete de avião de Nova Iorque para Londres custava 87,45 libras no inverno e 124,95 na época de verão. Era possível passar oito dias em Tenerife, num Cook's Golden Wings Holiday, por 65 libras, ou 15 dias por 93 libras. Estou a par destes preços pois, antes desta viagem, consultei o jornal *The Times* de 20 de março de 1973, o dia em que cheguei a Dover, onde vinha uma informação governamental, que ocupava toda uma página, sobre estes preços e o modo como iriam ser afetados por um novo imposto chamado IVA, que começaria a ser aplicado uma semana depois. A intenção do artigo era mostrar que, enquanto certas coisas iriam subir de preço com o IVA, outras baixariam. (Que piada!) Apesar das minhas reduzidas capacidades cerebrais, ainda me lembro de que o preço de um bilhete postal para a América, por via aérea, era de 4p, meio litro de cerveja custava 13p, e que paguei 30p pelo primeiro livro que comprei da Penguin (*Billy Liar*). Fazia dois anos que tinha sido introduzido o sistema decimal, mas as pessoas ainda faziam a conversão de cabeça — «Meu Deus, são quase seis xelins!» — e era preciso saber que meio xelim equivalia a dois *pence* e meio, e um guinéu a 1,05 libras.

Houve uma série de títulos que surgiram naquela semana nos jornais que bem poderiam aparecer nos dias de hoje: «Greve dos controladores aéreos franceses», «Livro Branco exige partilha de poder no Ulster», «Laboratório de investigação nuclear vai ser encerrado», «Tempestades interrompem a circulação ferroviária» e as bem conhecidas notícias sobre críquete, «Inglaterra derrotada» (desta vez

contra o Paquistão). Mas em todos os cabeçalhos saídos nessa semana de 1973 notava-se acima de tudo um grande desassossego em relação à indústria: «Ameaça de greve na British Gas Corporation», «2000 funcionários públicos em greve», «Edição do *Daily Mirror* não sai em Londres», «10 000 despedimentos, depois da greve sem aviso dos trabalhadores da Chrysler», «Sindicatos preparam-se para agir no 1.º de Maio», «12 000 alunos sem aulas devido à greve dos professores» — e tudo numa única semana. Foi o ano da crise da OPEP, em que o governo de Heath vacilou de facto (embora não houvesse eleições gerais até fevereiro seguinte). Antes do fim do ano houve o racionamento da gasolina e filas infundáveis nas garagens pelo país fora. A inflação subiu até 28 por cento. Houve grande escassez de papel higiénico, açúcar, eletricidade e carvão, entre outros. Metade da nação ia estar em greve e o resto num regime de semana de três dias. As pessoas andavam a fazer compras de Natal nos grandes armazéns iluminados a velas e sentiam-se desencorajadas quando os seus aparelhos de televisão ficavam sem imagem depois das *Notícias às Dez*, por ordem do governo. Ia ser o ano do Acordo de Sunningdale, do desastre do Summerland na Ilha de Man, das polémicas acerca dos siques e dos capacetes de motorizadas, da estreia de Martina Navratilova em Wimbledon. Foi o ano em que a Grã-Bretanha entrou para o Mercado Comum e — até custa a acreditar agora — começou a guerra com a Islândia por causa do bacalhau (se bem que de uma forma branda, do género «vamos-acabar-com-essa-história-do-bacalhau-ou-temos-de-tomar medidas-mais-sérias»).

Em resumo, iria ser um dos anos mais notáveis da história inglesa contemporânea. Como é evidente, eu desconhecia tudo isto naquela manhã chuvosa de março em Dover. Não sabia mesmo nada, de facto, o que é uma maneira

estranha e maravilhosa de estar na vida. Tudo o que me aparecia à frente era novo e misterioso e produzia em mim sensações incríveis. A Inglaterra estava cheia de palavras que eu nunca tinha ouvido — *streaky bacon* (toucinho entremeadado), *short back and sides* (curto atrás e dos lados), *Belisha beacon* (semáforo intermitente a assinalar passagem de peões), *serviettes* (guardanapos), *high tea* (lanche ajantarado), *ice-cream cornet* (cone de gelado). Não sabia como pronunciar *scone* ou *pasty* (empada) ou Towcester ou Slough. Nunca tinha ouvido falar de Tesco, Perthshire ou Denbighshire, *council houses* (casas municipais), Morecambe e Wise, *railway cuttings* (trincheiras por onde passa uma via-férrea), *Christmas crackers*, *bank holidays* (feriados oficiais), *seaside rock* (rochedo), *milk floats* (carrinha que distribui o leite), *trunk calls* (chamadas interurbanas), *Scotch eggs*, *Morris Minors* e Poppy Day. Para mim, quando um carro tinha uma chapa com um «L» na parte traseira, queria dizer que estava a ser conduzido por um «deproso». Não fazia a menor ideia do que queria dizer GPO, LBW, GLC ou OAP. Estava exultante com tamanha ignorância. As mínimas transações eram um mistério para mim. Vi um homem numa tabacaria a pedir, «vinte Número Seis» e a receber cigarros em troca e, durante algum tempo, imaginei que tudo na tabacaria era pedido por números, como num *takeaway* de comida chinesa. Sentei-me num *pub*, durante meia hora até perceber que tinha de ser eu a encomendar primeiro ao balcão. Noutra ocasião, num salão de chá, procedi dessa maneira e mandaram-me sentar.

A empregada chamou-me «amor». Todas as empregadas das lojas me chamavam «amor» e os homens «amigo». Ainda não tinha passado metade do dia e já todos gostavam de mim. E comiam todos da mesma maneira que eu. Era muito emocionante. Durante anos, desesperei a minha mãe, pois, como era canhoto, recusava-me a comer à maneira

americana — agarrando no garfo com a mão esquerda para segurar a comida enquanto cortava e depois passando-o para a mão direita para levar a comida à boca. Parecia ridículo e embaraçoso, e eis que, de repente, estava num país onde se comia à minha maneira. E conduzia-se pela esquerda! Era um paraíso. Ainda o dia ia a meio e já sabia que era ali que eu queria estar.

Passei o dia a vaguear sem destino e feliz por áreas residenciais e artérias comerciais, escutando as conversas nas paragens de autocarro e esquinas das ruas, olhando interessado para as vitrinas dos comerciantes de frutas e legumes, dos talhos, das peixarias, a ler os letreiros e a estudar a forma de os usar, completamente absorto. Subi ao castelo para admirar a vista e ver os *ferries*, lançando uma olhadela apreensiva às falésias brancas e à prisão Old Town Gaol. No fim da tarde, senti uma vontade enorme de ir ao cinema, atraído por um cartaz onde se via uma fila de mulheres reduzidamente vestidas e muito sedutoras.

— *Circle or stalls* (balcão ou plateia)? — perguntou a funcionária da bilheteira.

— Não, *Suburban Wife-Swap* — respondi num tom de voz confuso e furtivo.

No interior da sala, esperava-me um mundo novo e desconhecido. Pela primeira vez, vi publicidade no cinema, apresentações de filmes com sotaque britânico, um certificado do British Board of Film Censors (Este filme foi classificado para Adultos por Lorde Harlech, que o achou muito bom), e descobri, com prazer, que era permitido fumar nas salas de cinema britânicas e que não se preocupavam com o perigo de haver incêndios. O filme dava muita informação a nível social e de vocabulário, bem como a desejada oportunidade de descansar os pés, que me escaldavam, e de ver uma quantidade de mulheres jovens e atraentes a divertirem-se juntas. Entre os muitos termos que eram

novos para mim, destacavam-se *dirty weekend* (fim de semana escandaloso), *loo* (casa de banho), *complete pillock* (perfeito idiota), *au pair* (alojamento e alimentação em troca de trabalho), *semidetached house* (casa geminada), *shirt-lifter* (homossexual masculino) e *swift shag against the cooker* (uma rapidinha contra o fogão), que foram de muita utilidade a partir de então. Durante o intervalo — mais outra grande novidade para mim — comprei *Kia Ora* pela primeira vez a uma jovem com um ar tremendamente enfasiado e uma capacidade incrível para retirar os artigos requisitados do seu tabuleiro iluminado e fazer os trocos sem nunca desviar o olhar de um ponto imaginário. Mais tarde, jantei num pequeno restaurante italiano recomendado por Pearl e Dean e voltei, satisfeito, para a pensão, já a noite se instalara em Dover. No seu conjunto, foi um dia agradável e cheio de surpresas.

Tencionava deitar-me cedo, mas no caminho para o quarto reparei numa porta onde estava escrito SALA DE ESTAR DOS RESIDENTES e espreitei. Era uma sala enorme com poltronas e um sofá, todos com coberturas engomadas; uma estante com alguns *puzzles* e livros de capa mole; uma mesinha com revistas já muito folheadas; e um grande aparelho de televisão a cores. Liguei-o e passei os olhos pelas revistas enquanto esperava que o aparelho aquecesse. Só havia revistas femininas, mas do género que nem a minha mãe nem a minha irmã apreciariam. Os artigos que elas costumavam ler eram sempre sobre sexo e realização pessoal. Tinham títulos como «Comer Bem para Ter Orgasmos Múltiplos», «Sexo no Escritório: Como Conseguir», «Taiti: Um Novo Local Para Relações Escaldantes» e «Florestas Tropicais em Regressão: Podem Estimular o Sexo?». As revistas britânicas tinham aspirações mais modestas. Encontravam-se títulos como «Faça Você Mesmo a Sua Camisola»,

«Como Fazer Poupanças Sem Esforço», «Tricote Você Mesmo Esta Fantástica Bolsa Para Poupar Sabão» e «O Verão Chegou: É Tempo de Maionese!».

O programa que estava a dar na televisão chamava-se *Jason King*. Se já tem uma certa idade e, nos anos 70, não tinha vida social nas sextas-feiras à noite, talvez se lembre de que se tratava de um indivíduo dissoluto e ridículo, que usava um cafetã efeminado, e que as mulheres, por mais estranho que pareça, achavam muito sedutor. Não sabia se havia de considerar isto como uma esperança ou ficar deprimido. O facto curioso é que, embora eu só tenha visto o programa mais uma vez nestes vinte anos que se passaram, nunca deixei de ter vontade de me atirar ao indivíduo com um taco de basebol cheio de pregos.

Quase no fim do programa, entrou outro residente com uma bacia de água a ferver e uma toalha. «Oh!», exclamou surpreso ao ver-me, e sentou-se ao pé da janela. Era magro e tinha o rosto avermelhado. A sala ficou logo com um cheiro a linimento. O seu aspeto era o de quem não tinha uma vida sexual muito saudável. O tipo de pessoa que o nosso professor de educação física nos avisa que pode vir a ser o nosso se nos masturbarmos demasiado (ou seja, tal como o próprio professor). Não tinha bem a certeza, mas quase ia jurar que o tinha visto à tarde no cinema, a comprar um saco de gomas de frutos e a assistir ao filme *Suburban Wife-Swap*. Olhou furtivamente para mim, talvez seguindo a mesma linha de pensamento que eu, mas depois cobriu a cabeça com a toalha e inclinou o rosto para a bacia, ficando assim o resto da noite.

Passados minutos, entrou outro indivíduo, calvo e de meia-idade — que me fez lembrar um comerciante de sapatos. Lançou-me um «Olá!» e um «Boa noite, Richard!» em direção ao homem da cabeça tapada com a toalha e sentou-se ao meu lado. Pouco tempo depois, juntou-se a nós um

indivíduo mais idoso, apoiado numa bengala, com uma perna artificial e um ar pouco amigável. Olhou-nos carrancudo, cumprimentou-nos o mais impercetivelmente possível, deixou-se cair numa das poltronas e passou os vinte minutos seguintes a tentar ajeitar a perna de uma forma ou de outra, como quem procura a melhor posição para colocar um móvel pesado. Percebi que deviam ser todos residentes já antigos.

Momentos depois, começou a dar uma série cómica, chamada *O Meu Vizinho é Um Negro*. Acho que não era exatamente este o título, mas era a mensagem que queria transmitir — a ideia de haver uma grande comicidade no facto de se ter a viver ao nosso lado pessoas de raça negra. Estava cheio de situações do tipo «Meu Deus, avó, tens um sujeitinho de cor no teu guarda-louçal» e «Bem, como é que eu podia vê-lo no *escuro?*». Era uma perfeita aberração. O indivíduo calvo, ao meu lado, ria até às lágrimas, e debaixo da toalha saíam ruídos esporádicos de quem se está a divertir, mas reparei que o coronel não se ria. Olhava para mim, como se estivesse a tentar lembrar-se de qualquer acontecimento obscuro do seu passado a que eu pudesse estar associado. Sempre que eu olhava na sua direção, lá estava ele a fitar-me. Era enervante.

Uma chuva de estrelas invadiu o ecrã, indicando um intervalo para a publicidade, durante o qual o homem calvo aproveitou para me examinar com ar amigável mas um pouco confuso, interrogando-se sobre quem eu seria e como tinha ido ali parar. Ficou satisfeito ao saber que era de nacionalidade americana.

— Sempre tive vontade de conhecer a América. Digame, também lá têm o Woolworth? — perguntou-me.

— Bem, a verdade é que o Woolworth é americano.

— Não me diga! — respondeu. — Ouviu isto, coronel? O Woolworth é americano. — O coronel ficou impassível com esta revelação. — E os *cornflakes*?

— Desculpe, não percebi.

— Têm *cornflakes* na América?

— Bem, os *cornflakes* também são oriundos da América.

— Não acredito!

Fiz um leve sorriso e desejei que as minhas pernas me pusessem de pé e me levassem dali para fora, mas o corpo parecia estranhamente inerte.

— Imaginem! Então o que é que o traz à Grã-Bretanha se já lá têm *cornflakes*?

Olhei para ele para me certificar de que estava a falar a sério e depois, um pouco relutante e indeciso, aventurei-me a fazer um apanhado muito breve da minha vida até àquele momento, mas logo a seguir o programa começou e ele deixou de me ouvir. Então, calei-me e passei quase toda a segunda parte a captar a intensidade do olhar do coronel.

Quando o programa acabou, preparava-me para me levantar da cadeira e despedir-me daquele trio tão alegre, quando a porta se abriu e a senhora Smegma entrou com um tabuleiro cheio de chávenas de chá e bolachas que, segundo me parece, são mesmo próprias para chá, e todos ficaram muito animados, esfregando as mãos com entusiasmo e dizendo: «Oh, que maravilha!» Até hoje, ainda estou impressionado com a capacidade de o povo britânico, de todas as idades e camadas sociais, ficar verdadeiramente entusiasmado com a perspectiva de ir tomar uma bebida quente.

— E como foi hoje o *Mundo dos Pássaros*, coronel? — perguntou a senhora Smegma, ao mesmo tempo que lhe estendia uma chávena de chá e uma bolacha.

— Não sei — disse o coronel com ar malicioso. — A televisão — e lançou um olhar significativo na minha direção — estava sintonizada para outro canal. — A senhora Smegma olhou-me, por sua vez, com ar severo. Pareceu-me que eles andavam a dormir um com o outro.

— O *Mundo dos Pássaros* é o programa favorito do coronel — disse-me num tom de voz que roçava o ódio, e serviu-me uma chávena de chá acompanhada de uma bolacha dura e esbranquiçada.

Esbocei um leve pedido de desculpas.

— Hoje era sobre pinguins — declarou o indivíduo de rosto avermelhado, parecendo muito feliz consigo mesmo.

A senhora Smegma olhou para ele como se a surpreendesse o facto de ele saber falar.

— Pinguins! — exclamou ela, enquanto me encarava com uma expressão ainda mais fulminante, como quem está perplexa perante alguém capaz de semelhante desumanidade. — O coronel adora pinguins. Não é verdade, Arthur? — Definitivamente, andava a dormir com ele.

— Gosto muito — respondeu o coronel com um ar infeliz, roendo uma bolacha de chocolate.

Envergonhado, sorvi o chá e mordisquei a bolacha. Nunca tinha bebido chá com leite nem comido uma bolacha tão dura. Parecia uma daquelas coisas que se dá aos periquitos australianos para fortalecer o bico. Pouco depois, o indivíduo calvo inclinou-se para mim e sussurrou-me:

— Não ligue ao que o coronel diz. Desde que perdeu a perna, nunca mais foi o mesmo.

— Bem, só desejo que ele a encontre o mais depressa possível — respondi, arriscando um pouco de ironia. O homem deu uma gargalhada e, por momentos, receei que ele fosse partilhar a minha piada com o coronel e a senhora Smegma, mas afinal acabou por me estender uma mão enorme e apresentou-se. Agora, já não me recordo bem do nome, mas era um daqueles que só os ingleses se lembram de ter, Colin Crapspray (*spray* de caca) ou Bertram Pantyshield (protecção de cuecas), ou qualquer outro similarmen-te improvável. Sei que esbocei um sorriso contrafeito, achando que ele estava a ver se me apanhava, e disse: — Está a brincar comigo, não está?

— Não, de modo nenhum — respondeu friamente.
— Porquê, acha que é para rir?

— É que é um pouco... invulgar.

— Bem, *você* pode achar o que quiser — respondeu, e passou a dar atenção ao coronel e à senhora Smegma. Percebi que, a partir daquela altura e talvez para sempre, não iria ter amigos em Dover.

Nos dois dias seguintes, a senhora Smegma perseguiu-me implacavelmente, e suspeito que os outros chegaram a vigiar-me. Censurou-me por não ter apagado a luz do quarto quando saí, por não ter colocado a tampa da sanita para baixo depois de me servir dela, por ter usado a água quente do coronel — ignorava que ele tinha uma só para ele até ele começar a chocalhar a maçaneta da porta e a fazer ruídos reprovadores no corredor —, por ter mandado vir um pequeno-almoço à inglesa durante dois dias e deixado sempre no prato o tomate frito.

— Vejo que não comeu de novo o tomate — disse-me na segunda vez. Não sabia o que responder pois não havia dúvida de que era verdade; então, limitei-me a franzir

a testa e fiquei também a olhar para o pedaço de comida em causa. De facto, naqueles dois dias, andei intrigado sobre o que seria aquilo. — De futuro, agradeço-lhe que me avise, no caso de não querer tomate frito para o seu pequeno-almoço — acrescentou, num tom de voz mortificado e pleno de anos de irritação acumulada. Desconcertado, vi-a afastar-se.

— Pensava que era um coágulo de sangue! — quis gritar-lhe, mas é evidente que não disse nada e limitei-me a sair da sala sob o olhar sorridente e triunfante dos meus companheiros de residência.

Depois deste episódio, mantive-me fora de casa o mais que pude. Fui até à biblioteca e procurei a palavra «coberta» num dicionário, para que, pelo menos, a esse respeito não fosse censurado. (Fiquei admirado com o significado que encontrei; durante três dias tinha andado preocupado com a posição em que deixava a janela.) Dentro de casa procurei andar em silêncio, sem dar nas vistas. Até na cama mudava de posição muito devagar para não se ouvir o ranger da mesma. Mas de nada me serviu este esforço, pois parecia que estava destinado a incomodar os outros. No terceiro dia, à tarde, quando ia a entrar de mansinho, deparei com a senhora Smegma no corredor, segurando na mão um maço de cigarros vazio, que me perguntou se tinha sido eu que o tinha deitado para cima dos arbustos. Nessa altura, percebi a razão por que existem pessoas inocentes que acabam por assinar confissões absurdas nas esquadras da polícia. Nessa noite, depois de ter tomado um banho quente, rápido e furtivo, esqueci-me de apagar o esquentador e, para completar a asneira, deixei ficar cabelos no ralo. Na manhã seguinte, deu-se a última das humilhações. A senhora Smegma levou-me até à casa de banho e mostrou-me a sanita que tinha sido usada por alguém que não tinha puxado

BILL BRYSON

o autoclismo. Resolvemos a situação com a minha saída depois do pequeno-almoço.

Apanhei um comboio rápido para Londres e desde então não voltei mais a Dover.